

NENO VASCO

GREVE DE INQUILINOS

(FARÇA EM 1 ACTO)



PORTUGAL

Secção Editorial de *ca* BATALHA

Calçada do Combro, 38-A-2.º

LISBOA - 1923

AHS

525

GREVE DE INQUILINOS

000525

NENO VASCO

Greve de Inquilinos

(FARÇA EM 1 ACTO)

*Levado à scena pela primeira vez
em S. Paulo pelo Grupo do Teatro So-
cial de S. Paulo, em beneficio do jor-
nal libertário A PLEBE.*



PORTUGAL
SECÇÃO EDITORIAL DE «A BATALHA»
Calçada do Combro, 38-A-2.º
LISBOA — 1923

PERSONAGENS

FERNANDO
MANUEL
SALVADOR
JOSÉ
LUÍS
ANTÔNIO
RAMON PEREZ, refugiado, 30 anos.
MERCEDES, sua mulher, 28 anos.
MANOLITO, seu filho, 10 anos.
ANASTÁCIO AGARRADO, senhorio, 60 anos.

Accção — RIO DE JANEIRO — Actualidade

ACTO UNICO

A scena representa um quarto pobre de moços solteiros. Camas de vento, dois colchões, uma rêde, uma mesa com toalha, ao centro, estante, malas ou bahús. Ao F. saída para um corredor; à E. outra saída. No quarto da scena moram quatro rapazes, no da E. moram dois. Os seis inquilinos estão em scena; ao subir o pano, em várias atitudes, cantando com a música das «Carvoeiras».

UMA VOZ

Liberdade! Liberdade
Quem a tem lhe chama sua
Eu só tenho a liberdade
De morar em plena rua

(O pano vai subindo aos poucos)

SCENA I

JOSÉ, MANUEL, ANTÔNIO, SALVADOR, LUÍS
e FERNANDO

CÔRO

São tam puchados
os alugueis,
oh! inquilinos!
Não os pagueis!
Oh! que ladroeira
a do senhorio
fazei inquilinos
greve em todo o Rio!

} bis

JOSÉ

(De repente dando um murro na mesa) — Caramba! Com toda esta pandega e apesar do hino dos inquilinos, vamos esquecendo que hoje deve vir o senhorio receber os alugueis!

(Todos se movem animadamente, soltam exclamações irritadas, protestos, etc.)

MANUEL

É eu que tinha o dinheiro contado para pagar o mês do restaurante!

ANTÓNIO

Ora! Tam bom é um como o outro!

SALVADOR

Eu também fico sem um níquel se pagar ao senhorio!

LUÍS

Não pagues! Não paguemos! Justo! Façamos greve! Dêmos nós o exemplo! Eu, membro activo da Liga e por isso...

FERNANDO

(Num impeto sobe a cima da mesa e com grandes gestos, voz enfática, começa:)—Companheiros! Soou a hora trágica e decisiva da luta a todo o transe! O nosso grito de guerra ao abutre voraz que se chama senhorio deve ser: Não paguemos! Não paguemos! As casas para quem nelas mora! Não mais parasitas! Não mais proprietários! Fôram êles porventura que as construíram? Não! Fômos nós, os trabalhadores! Elas pezam sobre os nossos ombros! Elas fôram amassadas com o nosso suor!... *(Todos aplaudem de vez em quando, menos Salvador que enfim, pode interromper!)*

SALVADOR

Tudo serve ao Fernando de pretexto para fazer discurso! Que mania!

FERNANDO

É brincadeira, homem! *(desce).*

SALVADOR

Sim, mas a brincar ou a sério, por qualquer insignificância la vai discurso! Discutamos o nosso caso a valer. Vocês teem dinheiro? *(Tira dinheiro do bolso e conta) 10, 15, 16, 17, 18, 19 e oitocentos. Faltam duzentos réis. (Põe o dinheiro sobre a mesa).*

LUÍS

Então, nada de greve? Aqui está o meu cobre... vinte mil réis e mais duzentos réis para completar o do Salvador. *(Todos tiram dinheiro, rebuscam, contam e tornam a contar, suspirando, e colocam-no sobre a mesa).*

JOSÉ

Oh! Luís, empresta-me dez mil réis? Fico com dois mil réis no bolso. *(Recebe de Luís o dinheiro).*

LUÍS

Como sempre sou eu o encarregado de pagar. *(Conta) Cento e vinte mil réis. (Guarda o dinheiro no bolso).*

TODOS

Cento e vinte mil réis!

MANUEL

Tudo quanto se ganha é para comida, quarto e roupa... e tudo mau e pouco... se quizermos um móvel... um livro...

ANTÓNIO

E os que teem familia?

JOSÉ

Cento e vinte mil réis! Como diz o hino (*Recita sem música*). Oh! que ladroeira, a do senhorio!

FERNANDO

(*Cantando*) Fazei inquilinos — greve em todo o Rio!

SALVADOR

Mas entretanto temos de pagar!

FERNANDO

Ora bolas, não paguemos!

SALVADOR

Para irmos morar em plena rua, como diz o hino?

FERNANDO

O hino também diz que não se pague... É preciso começar, que diabo?

SALVADOR

Bom comêço! Meia dúzia de rapazes em 2 quartos!

MANUEL

É impraticável...

FERNANDO

Qual impraticável nem qual nada! Ao menos para nós seria prático!

JOSÉ

Prático ir para a rua sem ter onde dormir, e com os troços? Estás louco?

MANUEL

E que influência teria o nosso exemplo?

FERNANDO

Bom, vocês querem ser roubados? Queremos que sejamos todos roubados?... porque eu também entro... O senhorio já recebeu mais que o valor da casa: agora, mesmo no actual regime, teríamos direito a morar de graça.

SALVADOR

Teríamos mas não temos.

FERNANDO

Os direitos tomam-se...

SALVADOR

(*Irónicamente*) Com uma espada... Tomar o direito à casa, deixando-a ao senhorio! É boa...

FERNANDO

Em suma: vocês querem mesmo pagar àquele ladrão? Apraz-lhes o papel de vítimas? (*Exaltando-se*) Não vêem vocês que lhes fica a negra miséria em casa, que em breve se esgotarão os últimos míseros vintens e que teremos de arrostar a vergonha e a tortura de..

SALVADOR

(*Assustado*) Basta, basta? É discurso?

Luís

Rapazes, o Fernando tem razão: nós vamos ficar numa situação intolerável... se ao menos obtivessemos uma espera...

MANUEL

Não! não! Teríamos de sofrer as impertinências, assiduidades e insolências do nojento velho. Isso não!

FERNANDO

Não paguemos!

SALVADOR

(Irónicamente). E vamos para a rua... O velho tem mil modos de nos tornar impossível a estadia aqui...

FERNANDO

Pois bem, tenho uma ideia!

SALVADOR

(Irónicamente). Não paguemos, já sei!

FERNANDO

Sim, mas achei um meio de não afrontarmos o velho, mas de nos livrarmos das suas fúrias, sem pagarmos e sem ficarmos na rua..

Luís

Vai dizendo...

FERNANDO

O Pereira, depois que os dois companheiros se fôram, ficou com um quarto bastante vasto, onde poderemos instalarmos até acharmos casa...

ANTÓNIO

E a mudança feita de um momento para outro? Teremos tempo?

MANUEL

E a mudança da casa do Pereira para a nova instalação, se fôr fácil de arranjar? Duas mudanças, duas despesas.

FERNANDO

Que diabo! Vocês acham tudo difícil! Sômos seis e cada um leva o que puder. Em duas viagens está tudo liquidado. Como temos muita mobília!

MANUEL

Mas como poderemos sair a certas horas com os troços às costas?

FERNANDO

Ora, adeus! É muito cedo e não anda por aí ninguém. Saimos ao corredor pelas trazeiras... ninguém nos verá... e se nos vir, paciência... Passemos adiante!

José

Eu estou de acôrdo.

Luís

Eu também. Mãos à obra! Viva a greve!

SALVADOR

(Forte) Qual greve nem qual nada! Greve seria recusar a pagar, mas ficar em casa... Recusar francamente, até fazerem uma redução, mas ficar... e resistir ao despejo. Ou isto ou a expropriação... O que vocês querem fazer, e que não pode ser um sistema, fazendo-se uma vez ou outra, não dá remédio a nada; é um simples calote.

FERNANDO

Que nas nossas circunstâncias vale tanto como a greve, que é tam justa como ela...

SALVADOR

As nossas circunstâncias são sempre as mesmas..

LUI

Tem paciência, Salvador, mas agora são peores; quasi todos temos que pagar comida e outras coisas e... o crédito não é muito... o senhorio é uma canalha muito grande, é um grande ladrão.

TODOS

Bravos! Muito bem!

FERNANDO

Vamos a isto, rapazes, não há tempo a perder! Eu vou vêr se o caminho está livre. *(Sai correndo à E. Todos arranjam as malas e as coisas, tomando cada um seu objecto: cadeiras, cama de vento, colchões, penico, etc.).*

FERNANDO

Pronto, está desimpedida a passagem. A caminho! *(Toma também alguns objectos. José leva a cabaça, a mesa. Batem à porta. Pânico e confusão).*

TODOS

(Ao mesmo tempo) Ele!

FERNANDO

(Saindo a correr pela E.) Salve-se quem puder. *(Todos se precipitam com os objectos. José faz várias ten-*

tativas para passar com a mesa; recua, avança, atrapalha-se, anda em roda. Por fim, sentindo abrir-se a porta, põe a mesa no seu logar e esconde-se sob ela).

SCENA II

ANASTÁCIO e JOSÉ, sob a mesa

ANASTÁCIO

(Metendo a cabeça na porta) Dão licença? *(Pausa)* Dão licença? *(Entra, olha em volta, depois bate palmas, pondo o ouvido à escuta. Examina a scena com atenção e surpresa, notando a falta de móveis. Bate com a bengala no bahu e depois na mesa. A mesa meche-se. Sobresalta-se e recua aterrado para a porta. Vendo mover-se a mesa novamente, volta-se e foge a tremer).*

JOSÉ

(Primeiro espreita, sai depois de baixo da mesa, indo depois à porta do quarto como para ver se pode passar. Olhando para dentro) Como! Vocês ainda estão aqui?

SCENA III

JOSÉ, MANUEL, ANTÓNIO, LUÍS, SALVADOR e FERNANDO

Luis

(Entrando) Como é isso? O homem foi-se embora? *(Entram todos).*

José

Apanhou um susto tremendo! Sem querer fiz mecher

a mês e julgo que êle pensou que fôsem espíritos.
(*Risos*).

FERNANDO

Aí está uma idea! Se nós lhe metessemos medo, fazendo-lhe crêr que esta casa tem o diabo?

ANTÓNIO

O engano não duraria muito... o velho é fanático pelo dinheiro e não o perdôa nem ao diabo em pessoa..

JOSÉ

Mas como é que vocês ficaram aqui, em vez de se pôrem a salvo? Eu cá me arranjaría...

SALVADOR

A porta das trazeiras está fechada a sete chaves. O Fernando é um bom explorador de terreno, não há dúvida! Não tivemos remédio senão voltarmos para trás e ficar ali no quarto, muito quietinhos.

JOSÉ

Mas agora estamos apanhados!

MANUEL

É o mais seguro! O velho não deve tardar a voltar, talvez acompanhado. Decerto não largará a porta..

FERNANDO

(*Dando um murro na mês*) Embora! Não paguemos! Não podemos passar um mês sem dinheiro.

ALGUNS

Apoiado!

ANTÓNIO

Talvez êle espere uma semana ao menos... Talvez eu receba uns cobres lá para o dia 8 ou 9... Talvez nos paguem a bibliotéca que vendemos.

FERNANDO

Talvez... talvez... talvez... dom, dom, dim, dom... Parece um sino que dobra a finados! Não paguemos! Pronto!

MANUEL

Vocês sabem como é o velho: não quer esperar e é um insolente.

SALVADOR

O conflito seria inevitável...

LUÍS

Mais perderia êle, porque a verdade nua e crúa é esta. (*Gritando*) Não podemos pagar agora...

FERNANDO

A não ser que esperemos o *talvez* do António. (*Risos*).

JOSÉ

Pois bem, tomemos uma decisão heróica! Não supliquemos! Recusemos francamente pagar agora. Digamos francamente ao velho: Se você não quer esperar arranje-se! O homem ficará furioso, preparará ordem de despejo, etc. Mas tudo isso dura tempo e durante isso, nós nos arranclaremos.

TODOS

Muito bem, apoiado! Não há outro remédio!

FERNANDO

(*Alegre*) Nêsse caso faço um aditamento à proposta do José. Já que resolvemos arrostar de frente com o bicho façamos uma tourada. Talvez êle nos julgue bêbados ou loucos e nos deixe ao menos por algum tempo...

MANUEL

Deixem lá o velho...

SALVADOR

(*Ao mesmo tempo*) Isso não.

LUÍS

(*Batem à porta*) O abutre!

FERNANDO

Ei-lo! Preparemo-nos! (*Arranja um trapo vermelho. José empunha uma trombeta de papel; Luis prepara-se para abrir a porta: Salvador, Manuel e António sentam-se de lado.*)

LUÍS

Tudo a postos?

FERNANDO

Venha o bicho!

JOSÉ

Espera o sinal! (*Toca.*)

SCENA IV

OS MESMOS, RAMON, MERCEDES e MANOLITO

(*Quando Luis abrir a porta, entra com desembaraço*

Ramon, de gorra, maleta na mão e embrulho, segue-lhe Mercedes, com uma trouxa trazendo Manolito pela mão.

FERNANDO

(*Que nada viu avança para o recém-chegado e passa-lhe a capa, dizendo: 'Eh! Toro!' (Movimentos diversos; todos de pé, gargalhadas; espanto de Fernando).*)

RAMON

Yo soy casado, pero que yo sepa, no soy toro! (*Risos*) Salud, compañeros! Hablo a los compañeros del periódico *Tierra Libre*.

TODOS

Sim... entrem... companheiros... sentem-se. (*Mercedes e Manolito que haviam ficado à porta, entram e sentam-se.*)

LUÍS

Nos otros pensabamos que eras... (*A Salvador*) Como se diz senhorio em espanhol?

SALVADOR

Casero.

RAMON

Vaya una grazia! Yo vengo de torear a los caseros... y de ser por ellos cogido... y aqui me torear como casero. (*Rindo*) Pueden usted hablar portuguez: yo lo comprendo... He estado en Portugal algunas semanas.

FERNANDO

Então também és inquilino em luta com os abutres. Bravos, colegas, toque. (*Apertos de mão.*)

RAMON

Por serlo he venido al Brasil! Lean ustedes esta carta de la redacion de *La Protesta* de Buenos Aires, *(Passa uma carta a Salvador, que a traduz em voz alta)*

SALVADOR

(Lendo) Companheiros da *Terra Livre*. Saúde! O portador desta carta é o camarada Ramon Perez, perseguido pela policia por ter tomado parte activa na greve dos inquilinos e num acto enérgico de resistência a um mandado de despejo...

FERNANDO

Bravos!

SALVADOR

(Continuando a lêr) ... Obrigado a partir precipitadamente sem recursos, com um seu filho e a companheira grávida, tem necessidade do apoio dos companheiros do Rio de Janeiro e estamos certos de que far is tudo que vos fôr possível neste caso. Saúde e R. S. Redacção de *La Protesta*. Trás carimbo.

MANUEL

A ocasião não é das melhores, mas alguma coisa se ha-de fazer.

TODOS

De certo, sem dúvida!

FERNANDO

Tenho uma idea!

SALVADOR

Já sei: não paguemos!

FERNANDO

Precisamente. E dividiremos o dinheiro aqui com os companheiros.

José e Luís

Bravos!

SALVADOR

Sim, e iremos para a rua justamente quando devemos conservar a casa, agora mais do que nunca. A companheira?...

MERCEDES

Mercedes...

SALVADOR

A companheira Mercedes e êste menino precisam de ficar imediatamente instalados. E vocês sabem que no Rio achar casa não é fácil... e um hotel é um absurdo.

MANUEL

Tem razão, o Salvador.

ANTÓNIO

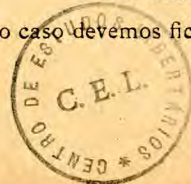
Parece que não há outro remédio senão pedir espera ao senhorio.

FERNANDO

Isso pouco adianta... não temos a quem recorrer: os amigos estão esgotados... pagar ao senhorio dois dias mais cedo ou mais tarde é ficar sem o dinheiro para as despesas urgentes que reclama o estado da nossa companheira Mercedes... as crianças... todos.

SALVADOR

Em todo o caso devemos ficar aqui. Ou antes, eu e



o Manuel, que dormimos naquele quarto, passamos com armas e bagagens para a casa do Pereira, que precisa justamente de dois; os companheiros vão para o quarto e vocês ficam aqui.

MANUEL

Muito bem!

LUÍS

Muito bem, mas a casa não é toda...

FERNANDO

Temos sempre de arranjar dinheiro... não pagando...

LUÍS

Também não vejo outro meio.

JOSÉ

Seria necessário descobrir um modo de ficar com o cobre sem sair da casa.

ANTÓNIO

Não há dúvida!

FERNANDO

(Com enfase) Companheiros, tal como os sitiados que, resolvendo uma sortida desesperada, queimam as portas das fortalezas para não terem para onde recuar e fugir, para terem de vencer ou morrer, assim nós devemos entregar os cento e vinte mil réis ao companheiro Ramon, que o desespero da situação nos fará achar expedientes salvadores e decisivos.

¡Salvador tenta acalmar com o gesto, mas todos aplaudem, batem palmas e Luís vai logo entregar o dinheiro a Ramon que se aproxima de Mercedes).

RAMON

Pero compañeros, no nos hace falta tanto dinero y aunque no pagueis al casero, lo que sería muy justo, tendreis necesidad de...

TODOS

Não! Qual! nada! guarda o dinheiro.

SALVADOR

Eu de qualquer modo me arranjarei. O hoteleiro que espere...

FERNANDO

Não lhe pagues!...

JOSÉ

Todos se arranjarão rasoavelmente... o peor era a casa, mas isso também se ha-de arranjar...

ANTÓNIO

Pensem num meio qualquer...

SALVADOR

Tenho uma idea!

FERNANDO

Também tu?!...

LUÍS

Sê o nosso salvador, oh! Salvador!

SALVADOR

(Sentando-se com ar de narrador) Fiz há tempos parte de um grupo de amadores dramáticos...

FERNANDO

(Irrónico) Te?!...

SALVADOR

Cala-te orador...

MANUEL

Amadores dramáticos eu não os posso suportar.

LUÍS

Deviam antes chamar-se matadores dramáticos.

SALVADOR

Ora! o grupo não era assim tam mau! Basta dizer que faziam parte dêle o Mariano, o Nogueira, o Ulisses, o Júnior, o Tôrres, etc., etc. Vamos porém ao que importa... Não sei como lembrou-me agora um episódio de uma comédia por êles representada. Uns estudantes, pregam uma partida a um velhote, seduzindo-o com uma falsa mulher, surpreendendo-o depois, disfarçados em pai, mãe, etc, e fazendo então dêle o diabo. . Ora... nós não sômos filhos da burguesia, mas temos o direito, para tam justo fim, de imitar aquela partida...

FERNANDO

Tomemo-lo!

SALVADOR

Tomemo-lo. pois! *(Todos aprovam com frase de ocasião)* Boa idea, bem achado, excelente, etc.

JOSÉ

Precisamos então de uma mulher. *(Todos olham para Mercedes que baixa os olhos).*

RAMON

Mi compañera és incapaz de hacer eso... és muy tímida.

JOSÉ

Eu poderia disfarçar-me de mulher; mas sou muito conhecido pelo velho, que poderia descobrir... de nós só o Fernando é que êle não conhece bem, porque nunca o vê em casa.

FERNANDO

Eu de mulher seria um pavor... Eu sirvo muito bem para o pai terrível que quer comer crú o senhorio... agrada-me o papel, palavra de honra.

RAMON

Bueno! Es justo que yo me gane el dinero del alquiler... Yo soy la mujer.

JOSÉ

Mas tu falas espanhol!

SALVADOR

É até melhor para disfarçar! O Ramon achará modo de contar ao velho que seu pai é espanhol, mas há um ou dois anos que êle — ou ela — acaba de chegar com a mãe para se reünirem ao chefe da familia.

TODOS

Bravo!

LUÍS

Está tudo combinado. O Ramon é a filha sedutora, o Fernando o pai terrível, Mercedes, a mãe aflita...

MERCEDES

Yo no se... no puedo.

FERNANDO

Que grande infelicidade compañeira! Quando vir

o negro espectáculo de sua filha desonrada, cai desmaiada nos braços dos dois... O Salvador e o Manuel, por exemplo, e eu me encarrego do resto... garanto que o susto que lhe preparei dará que fazer à lavadeira e o obrigará a não ter olhos senão para mim. *(Gesto terrível, olhos esbugalhados)* Ah! miserável sá-tiro! Vais pagar-me com o teu sangue...

MANUEL

Estão os papeis todos distribuídos?

ANTÓNIO

Eu, tu, o Salvador, o José e o Luís, seremos testemunhas.

José

Bem, toca a cicatrizar o Ramon...

LUÍS

Cicatrizar? Caracterizar...

José

É o mesmo. Os outros disfarçam-se lá dentro. Vamos que o velho não tardará... *(Ramon tira da trouxa de Mercedes, roupa de mulher e suspende alegremente).*

TODOS

Muito bem, bravos!

RAMON

(Ao pequeno) Manolito, ponte allí de fuera á ver si viene el viejo. *(Sai o pequeno)* Pronto! *(Veste a saia o mais depressa possível. Todos se apressam, atropelam-se às vezes, fazendo ruído, dizendo frases de ocasião).*

José

(Enchendo de trapos o seio de Ramon) Que opulentos seios.

ANTÓNIO

(Pondo Ramon com o trajeiro para a scena e dando-lhe uma palmada) Isto está muito chato! *(Um vai buscar uma almofada, outro levanta-lhe a saia e amarram-lhe na cintura).*

LUÍS

Diabo, falta-lhe a cabeleira!

MANUEL

É verdade!

SALVADOR

De alguma coisa serve eu ser amador dramático. *(Vai ao quarto e traz uma cabeleira)* Cá está. *(Acabam de disfarçar Ramon).*

FERNANDO

Encantadora esta minha filha Carmen.

RAMON

(Olhos baixos, affectando pudor) Oh! papa!

ANTÓNIO

Não seria bom fazer um ensaio de desmaio?

MANUEL

Não é preciso, com o susto o velho não reparará.

José

Em todo o caso, cuidado que êle não te veja as calças...

LUIÍS

É verdade! O diabo é se...

SALVADOR

É se... o quê?

LUIÍS

Se êle se atreve a levantar o véu do mistério, apesar de velho.

FERNANDO

Qual! não lhe daremos tempo para isso. Eu estarei à espreita... Ou melhor, eu não posso, o José espreitará... O Ramon cheio de pudor não consentirá...

MANOLITO

(Entrando rápidamente) Que viene el tio!... *(Alvorôço)*.

FERNANDO

Pois não achará os sobrinhos. *(Fogem todos confusamente para o quarto. Fernando sai por último e diz a Ramon:)* Coragem, Ramon... Carmen...

RAMON

Esteja usted tranquilo, papá! *(Batem à porta)*.

SCENA V

RAMON e ANASTÁCIO

RAMON

(Com voz esganiçada) Quien és?

ANASTÁCIO

(De fora) Anastácio Agarrado, senhorio.

RAMON

Vaya un nombre! *(Abrindo a porta e muito amável)* Entre usted.

ANASTÁCIO

(Detendo-se à porta admirado, olhando Ramon, a mesa, o quarto) Mas êste quarto e o outro pegado estão por conta do sr. Luis Magro da Costa... A senhora...

RAMON

Yo soy hija de uno de los moradores.

ANASTÁCIO

Ah! deve ser um que mal vi uma vez... Ele parece mesmo um espanhol.

RAMON

Si, pero, está aqui hace dos años.

ANASTÁCIO

Então os senhores cá do quarto não estão em casa? Como era domingo eu esperava encontrar o sr. Luis.

RAMON

El sñr. Luis vuelve pronto. Entre usted y espere un rato.

ANASTÁCIO

Um rato? Mas esta casa não tem ratos! É nova! Custou-me bom dinheiro. Ora essa! Um rato!

RAMON

Que dice usted

ANASTÁCIO

Que não espero ratos, mas o sr. Luís que me deve pagar o aluguel dos dois quartos: 120.000. É de graça! No Rio não se encontra mais barato.

RAMON

Bueno, pues entre usted. El sñr. Luís no tardará mucho.

ANASTÁCIO

Mas eu não vejo cadeiras.

RAMON

Para que quiere usted unas calderas?

ANASTÁCIO

Mas eu não quero uma caldeira; o que eu queria, se houvesse, era uma cadeira... uma cadeira para me sentar. (*Faz gesto de quem se senta*).

RAMON

Ah! comprendo! Usted quiere una silla.

ANASTÁCIO

Uma cilha! Eu não sou nenhum burro, minha senhora.

RAMON

De seguro! Usted tiene cara de inteligente. (*Dá-lhe uma cadeira e senta-se na outra*).

ANASTÁCIO

A senhora acha? É verdade?

RAMON

Si usted tiene cara de inteligente y és un jóven muy guapo. Quantos años tiene usted?... Treinta?

ANASTÁCIO

(*Atrapalhado, medroso, sem encarar Ramon*) Eu, eu, verdadeiramente tenho um pouco mais.

RAMON

Pues no parece, palabra de honor. Usted está muy fresco. Usted és muy simpático. (*Suspira e aproxima a cadeira de Anastácio*).

ANASTÁCIO

(*Medroso afastando a cadeira*) Usted... senhorita, também é mui geitosa... muito simpática.

RAMON

Si? le parece a usted?

ANASTÁCIO

Pudera! A senhora tem... uma face bonita... corada como uma maçã.

RAMON

Masan!? Que és eso?

ANASTÁCIO

Que é maçã? Pois não sabe? É uma fruta... É a fruta que Adão comeu, dada por Eva no Paraíso.

RAMON

Ah! La manzana... el pomo proibido... le gusta a

usted las manzanas? el pomo proibido (*Chega-se a Anastácio*).

ANASTÁCIO

(*Recuando a cadeira*) Ai! eu sou doido por frutas... seria capaz de comer tôdas as maçãs do Paraíso e tôdas as frutas que por lá houvesse. E a senhora? a senhora gusta?

RAMON

Ah! yo soy loco, digo loca por toda cualidad de frutas: manzanas, peras, melacotones, cerezas ciruelas...

ANASTÁCIO

Como? Ceroulas? Mas isso não é fruta!

RAMON

Si que lo es! Y que delicioso! No le gusta usted?

ANASTACIO

Sim, gosto, mas só para cobrir as pernas.

RAMON

Para cubrir las piernas... Que dice usted? Las piernas yo las cubro com los pantalones, digo con las enaguas, pero las ciruelas me las como. (*Suspira, jôgo de scena*).

ANASTACIO

(*Meio inflamado*) Então a senhora gosta de ceroulas?

RAMON

Mucho. (*Suspira*).

ANASTACIO

Pois eu gosto mais de maçã.

RAMON

El pomo.. le gusta usted?

ANASTACIO

Gosto sim. (*Jôgo de scena*).

RAMON

Si yo tuviera una manzana le daria a usted.

ANASTACIO

Pomos não lhe faltam à senhora.

RAMON

(*Olhos baixos*) Yo tengo pomos?

ANASTACIO

(*Treviando, pondo-lhe a mão no seio*) Aquí... (*Ouvem-se passos. Ramon levanta-se sobresaltado. Anastácio de pé, sobresaltado*) Que é?

RAMON

No es nada... sientese usted... Oy pasos y pensé que era mi padre.

ANASTACIO

Seu padre é seu pai não? Ele é mau... é desconfiado?

RAMON

Mi padre es terrible.

ANASTACIO

Credo!

RAMON

No se assuste usted, que mi padre está lejo... no viene antes de la noche... me asusté sin razon. Pero mi padre es terrible. Sabe usted porque se ha venido al Brasil.

ANASTACIO

Não sei, não.

RAMON

Porque mató a um hombre por mi causa.

ANASTACIO

Como? Por causa da senhora?

RAMON

Oiga usted. Esse hombre me dió un beso aqui (*mostra um lugar na face e aproxima a de Anastácio que recua aterrado*) Aqui... vea usted... Mi padre salió como una fiera. (*Põe-se de pé e representa a scena com toda a energia*) Y bun! le metió la navaja en el pecho com tanta furia que le salio el brazo por las espaldas y aun le costó trabajo sacarlo.

ANASTACIO

Jesus! Jesus! Eu vou-me embora...

RAMON

Pero hombre, si mi padre no viene. (*Passos no corredor. Anastácio e Ramon levantam-se inquietos. Batem á porta, susto do velho*) Talvez sea el sñr. Luiz.

SCENA VI

TODOS

FERNANDO

(*De fora*) Abre Carmen.

RAMON

(*Aterrado*) Ah! es papá! papá!

ANASTACIO

(*Tremendo*) Ai! meu Deus! meu Deus! Ele terá a tal navalha?

RAMON

La navaja? Si la trae siempre com el

ANASTACIO

Jesus! Jesus!

RAMON

Escondase usted! escondase! (*Choroso*) escondase por Dios! (*Correm a scena atrapalhados, etc. etc. Batem de novo á porta*).

ANASTACIO

Onde me esconder, meu Deus! onde me esconder.

FERNANDO

(*De fora*) Abre, Carmen, ou arrombo a porta. A chave está por dentro. Sinto passos aí dentro. Abre camba.

RAMON

Dios mio! Mi padre vá a matarnos... esconda-se

usted... *(empurra o velho para baixo da mesa, mas o velho não cabe e fica com meio corpo de fora. Abre-se a porta violentamente. Ramon dá um grito e desmaia ruidosamente sobre a cama.)*

FERNANDO

(Vestido de velho, entra seguido de todos:) Com mil diabos! Que é isto? Minha filha desmaiada... sobre a cama e um homem... escondido sob a mesa! Ah! com mil diabos! *(Pucha pelo velho violentamente.)*

ANASTÁCIO

Perdão!... perdão!... Não fiz nada! Não me mate!

FERNANDO

(Que procura livrar-se das mãos de José e Luiz). Deixem-me... deixem-me... Quero beber o sangue imundo do sátiro que, aproveitando a ausência de todos, roubou a honra duma inocente donzela..

LUIZ

O sr. Anastácio está pronto a dar uma reparação. Não é verdade, sr. Anastácio?

ANASTÁCIO

(Gagueja sempre desculpas). Sim senhor... sim senhor...

FERNANDO

Não há reparação possível para um caso destes. Tenho direito de o matar. Apanhei-o em flagrante... e quero que amanhã se saiba quem é este bandido, que não contente de roubar inocentes inquilinos, rouba a honra de candidas donzelas... Quero matá-lo! *(José e Luiz arrastam-no para o fundo).*

ANTONIO

(Baixo a Anastácio) Offereça-lhe uma indemnização senão elle mata-o. *(Alto)* O sr. Anastácio oferece uma indemnização.

FERNANDO

Nunca! Nunca! Não é assim que se paga esta dívida! A única indemnização é o seu sangue...

SALVADOR

Que diabo, Fernando! Se o sr. Anastácio oferece uma indemnização razoável deve aceitar... *(Gesto de Fernando)* Bem sei... não parece bonito... não é suficiente... o mal é irreparável... mas vale mais um bem em favor de sua filha ou de todos... do que a morte de um homem — o que a nada dá remédio e a todos dará incomedos.

ANASTÁCIO

Obrigado! Obrigado!... Se não fôr muito . se estiver dentro das minhas posses.

FERNANDO

E' impossível! E' impossivel!

MERCEDES

(Que volta a si) Fernando no mates al viejo.

FERNANDO

Já que todos pedem, vá... Mas eu não quero tratar de nada... Combinem a indemnização. *(Ramon também volta a si.)*

JOSÉ

Bom. Acode-me uma idea... O sr. Anastácio pode pagar neste momento, mesmo sem trazer dinheiro, uma

indemnização que parece ser para nós todos... e nós depois faremos contas com Fernando.

MANUEL

Como é, então?

JOSÉ

O sr. Anastácio Agarrado, proprietário, declara perdoar neste mês e depois para o futuro, todos os alugueis dos dois quartos.

ANASTÁCIO

Credo! Isso é impossível! Os senhores querem que eu fique pobre?

FERNANDO

Como, miserável?! Perdôo-te a vida e tu ousas discutir o mesquinho preço que te marca essa vida? Nem mais uma palavra. Não só os quartos mas toda a casa devia ser nossa; não como indemnização mas como restituição. Com que a edificaste? Com dinheiro roubado e com ela fizeste uma constante chantage, exerceste a tirânia do senhorio que se vale da pobreza, da falta de casas, para explorar infamemente os desgraçados inquilinos. Nem uma só pedra desta casa te pertence!

ANASTÁCIO

(Gaguejando) Eu... eu... eu... não sou... rico.

MANUEL

Tem apenas oito casas de aluguer...

ANASTÁCIO

Eu vou... fiar... pobre... Tenham piedade de mim.

JOSÉ

Acharia melhor que o matassem, lhe puzessem a calva à mostra ou ainda pior?

LUIZ

Bom, eu vou fazer uma proposta que me parece muito razoável.

ANASTÁCIO

Oxalá!

ANTONIO

Venha de là isso...

FERNANDO

Estou quasi arrependido da minha benevolência... Vocês ainda o deixam ir, pedindo-lhe desculpas! mas eu...

MERCEDES

Pobre viejo!

FERNANDO

Estys sempre disposta a perdoar... mas lembra-te do que tem sido este abutre para os inquilinos... e do que fez à nossa filha.

LUIZ

A minha proposta é a seguinte: A liga dos inquilinos apresenta como tabela de reivindicações, que marca uma redução de 40 por cento nos alugueis das casas de cómodos. E' esta redução que o sr. Anastácio assinará perdoando, além disso, o mês vencido hoje. E ficará tudo saldado. *(Põe-se a escrever.)*

ANASTÁCIO

40 por cento!!! 72 mil réis em vez de 120! Isso é a ruína, sr. Luís... Olhe que...

FERNANDO

Chiu!

JOSÉ

72 mil réis não é conta redonda; 70, então.

ANTONIO

E 70 não é divisível por 6; proponho 60.

ANASTÁCIO

(*Suplice*) Fiquemos nos 70, ao menos.

LUIZ

Bem, seja 70. Depois cá faremos as contas. E perdoado o mês vencido hoje... Cá está o papel. Faça favor de assinar. (*@Anastácio, consternado, assina.*)

JOSÉ

Ora dêixe estar que a coisa não lhe saíu cara!

LUIZ

E trate de ser fiel ao contrato!

ANTONIO

Não procure expulsar-nos.

FERNANDO

(*Ameaçador*) Ele ha de ter juízo.

ANASTÁCIO

Oh! bastaria a minha palavra. (*Humilde*) Posso retirar-me?

SALVADOR E MANUEL

Pode, pode.

JOSÉ

Alto lá, falta uma pequena condição.

ANASTÁCIO

O sr. também?

JOSÉ

Não se assuste; é uma brincadeira. O senhor sabe a música das «Carvoeiras»:

«Liberdade, liberdade,
Quem a tem a chama sua?»

ANASTÁCIO

Sei, sim senhor. E' uma cantiga bem velha. Ainda me lembro de quando a cantava lá na terra.

JOSÉ

Ora cante-a, então.

ANASTÁCIO

Isso não é para a minha idade.

RAMON

Cante, usted és mui joven.

FERNANDO

Cante!

ANASTÁCIO

Então, lá vai: (*Cantando desafinado*)

Liberdade, liberdade,
Quem a tem a chama sua.
Eu não tenho liberdade
Nem de pôr o pé na rua

JOSÉ

Basta!

TODOS

Bravos! bravos!

José

Ora, agora o sr. Anastácio ha de fazer o favor de cantar a mesma quadra, com esta modificação:

Eu só dou a liberdade
De morar em plena rua.

ANASTÁCIO

Liberdade, liberdade,
Quem a tem a chama sua,
Eu só tenho liberdade
De morar em plena rua.

(José faz sinal ao coro).

CORO

E' tam gatuno o senhorio!
Oh! inquilinos não tendes brio.
Animo inquilinos, vencers em breve.
Morra a ladroeira, viva, viva a greve!

CAI O PANO



Serviço de Livraria de A BATALHA

ORGANIZAÇÃO SOCIAL SINDICALISTA

Capítulos: I. O ideal. A idea — II. Os fenómenos sociais — III. Agregados sociais — IV. As duas classes antagónicas — V. A Organização Sindicalista — VI. Meios de acção — VII. Conclusões (estrutura organica).

Fora do texto: Esquema gráfico da O. S. S.

1 volume com 160 página 3\$00

A CRISE DO SOCIALISMO, por Augustinho Hamon

Capítulos: Sua evolução — Sua situação presente — Suas causas — Seus efeitos — O futuro

Brochura com 60 páginas \$50

A CONCEPÇÃO ANARQUISTA DO SINDICALISMO
por Neno Vasco

Capítulos: O comunismo anarquista — O método anarquista — Anarquismo e sindicalismo — A independência sindical — O automatismo sindical — Conquistas operárias e reformas burguesas — O sindicato, grupo livre — O momento actual — A revolução social — O sindicato na revolução — A socialização — A organização comunista.

Um volume com 168 páginas 2\$00

OS I. W. W. NA TEORIA E NA PRÁTICA

Interessante trabalho sôbre a organização industrialista do proletariado norte americano

Um volume com 164 páginas 2\$50

Pedidos à BATALHA--Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º

LISBOA